

4



COMUNIDADES DE HOSPITALIDADE COMO PROFECIA E ESPERANÇA

Alberto Ares Mateos, SJ
Jennifer Gómez Torres

“Não vos esqueçais da hospitalidade,
porque graças a ela alguns, sem saber, acolheram anjos”
(Hb 13,2).

No nosso contexto atual, em que parece ganhar terreno a hostilidade à hospitalidade, a prática da hospitalidade constitui uma boa notícia e um autêntico ato profético, de resistência e de esperança. Profecia ao estilo de Jesus. A hospitalidade que Jesus pratica rompe as barreiras de seu tempo, os limites do legal-ilegal, do puro-impuro, e da inclusão-exclusão. Na atualidade, as “comunidades de hospitalidade” recolhem o legado e a rica tradição de diferentes modos de entender a proximidade vital aos mais vulneráveis da nossa sociedade, nas quais a vida consagrada constitui um sinal de esperança. Ao longo dos anos foram-se cunhando diferentes acepções comunitárias que colocam a ênfase numa dimensão ou perspectiva da nossa vida em comum com pessoas e famílias migrantes. A hospitalidade renova as nossas comunidades, ajudando-nos a crescer em compromisso e generosidade. A Igreja se beneficia destes estilos de vida comunitários, porque além de crescer em credibilidade se propicia uma maior eficácia em nossa vida apostólica. As comunidades de hospitalidade abrem novos caminhos de revitalização da vida em comum como um sinal de

anúncio do Evangelho e apresentam-se como um convite e uma lufada de ar fresco dentro da Igreja.

Assim, propomos ao leitor um percurso que lhe permitirá descobrir de uma maneira diferente o que é a hospitalidade, ou melhor, de que hospitalidade falamos quando a entendemos enraizada na profecia, na resistência e na esperança. A partir desta primeira constatação, cada um dos parágrafos que se seguem será a oportunidade para renovar com ar fresco a ideia sobre a hospitalidade, abrindo-nos a pensar e senti-la desde nossa vulnerabilidade compartilhada; em sintonia com as sagradas escrituras através do testemunho da vida de Jesus e da ideia de Mambré, mas também contando com as indicações do Papa Francisco; lançando propostas sobre estilos comunitários que têm à base a experiência da hospitalidade e, finalmente, abrindo um novo horizonte sobre o compromisso e a generosidade.

Introdução

Um dos grandes pilares da vida religiosa é a comunidade. João Paulo II expressava que “toda a fecundidade da vida religiosa depende da qualidade da vida fraterna em comum. Aliás, a renovação atual na Igreja e na vida religiosa caracteriza-se por uma busca de comunhão e de comunidade” (João Paulo II, 1992, p. 3).¹

Nas comunidades de vida apostólica, a comunidade tem o seu centro na missão. Uma missão que não teria sentido se víssemos a comunidade como um mero acidente, pois “a comunidade religiosa, como expressão de Igreja, é fruto do Espírito e participação na comunhão trinitária” (CIVCSVA, 1994, n. 71). A comunidade é “oficina”, com uma dimensão missionária, mas também é “lar”, sacramento do amor de Deus (García, 1985).

Toño García, SJ, mostra a ligação entre a missão na vida religiosa e a amizade, apontando que “a amizade humana, espiritual e apostólica própria da vida consagrada tem sua fonte

¹ CIVCSVA, 1994, n 87, citado em: Juan Pablo II, CIVCSVA, 20 noviembre 1992: OR 20-11-1992, n. 3.

de alimentação no fato de compartilhar ativamente uma visão, e poder fazê-lo desde a comunhão com um Senhor pessoalmente amado e também compartilhado” (García, 2006, p. 547).

Somos chamados pelo Senhor a ser colaboradores de uma missão que partilhamos com muitas pessoas com as quais estamos chamados a trabalhar lado a lado.

O Papa Francisco nos disse em numerosas ocasiões qual é seu sonho de Igreja, com as portas abertas, como um hospital de campanha, curando feridas, nesse sonho de amizade e fraternidade. “A cultura da convivência fraterna [...] é o fundamento da verdadeira hospitalidade missionária, que pretende que os estranhos se tornem irmãos.” (Francisco, 2022)

A partir destas chaves é que a comunidade e hospitalidade fazem sentido. Nestas páginas apresentaremos as comunidades de hospitalidade como sinais de profecia, resistência e esperança.

1 A hospitalidade como profecia, resistência e esperança

A “comunidade de hospitalidade” reúne o legado e a rica tradição de diferentes modos de entender a proximidade vital aos mais vulneráveis de nossa sociedade (Ares, 2016). Ao longo dos anos, foram-se produzindo diferentes acepções comunitárias que colocavam a tônica numa dimensão ou perspectiva da nossa vida comum. Deste modo, reconhecemos como próprias a experiência das comunidades de inserção, das comunidades de vida, das comunidades de inclusão, das comunidades de acolhimento ou das comunidades de solidariedade, entre outras.²

No nosso contexto atual, em que a hostilidade à hospitalidade parece ganhar terreno, a prática da hospitalidade constitui uma boa notícia e um verdadeiro ato de resistência. Resistência ao estilo de

² Neste capítulo será feita referência às “comunidades de hospitalidade” dentro do contexto principalmente da Companhia de Jesus na Espanha. No ano 2023 existem aproximadamente 100 recursos de hospitalidade na Espanha, acolhendo 823 pessoas (ano 2022). Destas comunidades, famílias, paróquias e diversos recursos de acolhida, encontram-se 9 comunidades jesuítas espalhadas por toda a Espanha.

Jesus. Uma hospitalidade que rompeu as barreiras de seu tempo, os limites do legal-ilegal, do puro-impuro, e da inclusão-exclusão.

Uma hospitalidade tão antiga como a própria humanidade e que percorre a nossa tradição bíblica e boa parte da história da Igreja. A hospitalidade nos nossos dias nos fala de fragilidade e de reciprocidade, do poder transformador de abrir as nossas portas e de construir pontes. De viver a fragilidade não como uma ameaça, mas como um elemento essencial para o encontro com Deus.

Também a hospitalidade nos coloca uma questão à nossa criação de identidade, à gestão da diversidade, à nossa maneira de fazer política ou de tratar a integração e coesão social, inclusive à vida nos nossos bairros.

Por isso, todos os grandes desafios sociais precisam de uma resposta que coloque as pessoas no centro. As comunidades de hospitalidade são espaços de encontro, lares onde convivem pessoas de contextos diversos, nas quais têm um lugar privilegiado aquelas pessoas que se encontram no caminho. Comunidades que compartilham teto e projeto vital, gerando processos, desde a escuta mútua e a aprendizagem compartilhada.

Nas comunidades de hospitalidade se compartilha a mesa com pessoas excluídas, cultivando uma cultura do encontro. Viver ao seu lado é um dos principais sinais da Boa Nova, como nos recorda a Bíblia, a prática da hospitalidade nas comunidades de hospitalidade produz um efeito transformador tanto no hóspede como na pessoa que acolhe. Além disso, geram espaços de encontro, ambientes seguros, com um ritmo de vida em comum que possibilita a convivência no cotidiano, tempos gratuitos de escuta, de partilha de tarefas, de compartilhar as penas e alegrias. Todos são elementos que facilitam processos de cura, integração e reconciliação (Ares, 2017, p. 37-43).

As pessoas migrantes são portadoras de esperança. Esperança de um mundo em paz, de que é possível uma vida melhor. Procuram segurança e trabalho, mas, sobretudo, reconhecimento e respeito.

Uma sociedade que se fecha sobre si mesma se empobrece. Uma sociedade que se abre à possibilidade do encontro e à

diversidade, enriquece-se, constrói-se futuro. Esta é uma das grandes chaves que a hospitalidade traz ao nosso mundo de hoje.

Um dos grandes desafios das nossas sociedades está em jogo na convivência, na gestão da diversidade. A hospitalidade é um dos elementos chave que nos ajudarão a avançar como civilização, desde a integração e a coesão social.

As comunidades de hospitalidade, enquanto contraculturais, constituem autênticos espaços de resistência e antecipam o Reino quando convidam a sentar-se juntos à mesma mesa, a compartilhar o que nos une e também a partir da diferença. Ainda que o caminho seja árduo, como acontecia em Mambré, praticando a hospitalidade, às vezes sem sabê-lo, hospedamos o mesmo Deus.

2 A vulnerabilidade como porta de entrada à hospitalidade

A hospitalidade se apresenta como um valor humano e espiritualmente vital e conectado com a vulnerabilidade do ser humano que sempre requer ser acolhido e acolher o outro, que sempre precisa criar espaços habitáveis e abandonar contextos inóspitos (Boné, 2008, p. 110).

A realidade migratória atual apresenta um convite a renovar e aprofundar uma teologia das migrações. A prática da hospitalidade dentro da Doutrina Social da Igreja desmascara uma retórica da hostilidade, em muitos casos classista e com um discurso nativista.

A Doutrina Social da Igreja (DSI) radica-se no bem comum e na dignidade de todos os seres humanos criados à imagem e semelhança de Deus, assim como na interdependência e interconectividade de toda a humanidade. O documento magisterial *Erga Migrantes Caritas Christi* apresenta os migrantes como co-criadores de uma fraternidade universal e apresenta a hospitalidade e as migrações como elementos intrínsecos à natureza da igreja. A hospitalidade representa uma maneira de viver a missão de cada cristão, com uma vocação de peregrino para a casa do Pai (Campese, 2012; Martínez, 2007).

A hospitalidade foi primeiro um modo de sobrevivência, que apresentava um elemento de reciprocidade e a condição de possibilidade para se encontrar com Deus através do estrangeiro (Koenane, 2018). Enraíza-se numa teologia da graça e da gratuidade (Boné, 2016). Evoca-nos a nossa vulnerabilidade (Boné, 2008, p. 119-121) e a comum lembrança de ter sido estrangeiros em terra estranha, descendentes de um aramaico errante. A hostilidade, muitas vezes está ancorada em nosso pecado que nos leva a acumular mais, a viver da aparência e que nos converte em pessoas soberbas. Desta realidade, o medo de perder privilégios, envoltos em dinâmicas de exclusão e marginalidade, revela a importância de uma hospitalidade radical.

Uma hospitalidade radical nos recorda que Deus é acolhido, recordando a lembrança da nossa própria vulnerabilidade, como povo peregrino que se baseia em experiências-chave de exílio. O senhor da glória mostra suas feridas (Jn 20,25). Deus escreve a história da salvação através da sua fragilidade, da fragilidade humana. “Iahweh disse: ‘Eu vi, eu vi a miséria do meu povo que está no Egito.’” (Ex 3,7). Com sua fragilidade veio nos resgatar.

A hospitalidade nos convida a não ter medo da fragilidade que vivemos em nosso mundo, pois é desde essa vulnerabilidade que se nos faz presente Deus. “Por suas feridas fostes curado” (1Pe 2,24). Só há diálogo de ferido a ferido, a partir da fragilidade (García, 2011).

A graça apresenta-se, pois, como central na prática da hospitalidade, assim como numa economia da bênção, da abundância que transborda qualquer encontro. Todos somos receptores da bênção de Deus, e a hospitalidade se fundamenta nessa bênção ou abundância (Bretherton, 2017).

O poder transformador da hospitalidade reorienta nossas vidas para o serviço e nos aproxima do caminho, às margens onde Deus sai ao encontro de nossos irmãos e irmãs migrantes. Esse poder transformador da hospitalidade abre as portas, salta os ferrolhos e nos anima a construir pontes.

3 Serena atenção, sadia humildade e feliz sobriedade

Quando pensamos nas comunidades de hospitalidade, ressoam alguns elementos que o Papa Francisco nos propõe na encíclica *Laudato Si*. O encorajamento de um modo alternativo de entender a qualidade de vida, de um estilo profético e contemplativo.

A espiritualidade cristã propõe uma forma alternativa de entender a qualidade de vida, encorajando um estilo de vida profético e contemplativo... A espiritualidade cristã propõe um crescimento na sobriedade e uma capacidade de se alegrar com pouco. É um regresso à simplicidade que nos permite parar a saborear as pequenas coisas, agradecer as possibilidades que a vida oferece sem nos apegarmos ao que temos nem entristecermos por aquilo que não possuímos (LS, n. 222).

Um tipo de vida em comum que nos ajuda a valorizar o pequeno, desde a simplicidade e a liberdade, para dar espaço à admiração, a uma sadia humildade, que possibilita uma serena atenção aos outros companheiros e companheiras de caminho.

Neste sentido, falamos de sobriedade, como fonte de liberdade e de libertação outrora múltiplos laços da vida. “A sobriedade, vivida livre e conscientemente, é libertadora... A felicidade exige saber limitar algumas necessidades que nos entorpecem, permanecendo assim disponíveis para as múltiplas possibilidades que a vida oferece” (LS, n. 223).

É neste contexto que buscamos uma paz interior com nós mesmos. “Falamos aqui duma atitude do coração, que vive tudo com serena atenção, que sabe manter-se plenamente presente diante duma pessoa sem estar a pensar no que virá depois, que se entrega a cada momento como um dom divino que se deve viver em plenitude” (LS, n. 226). Uma paz interior que não é um ponto de chegada, mas uma atitude que se tenta cultivar e que se vive como dom.

Não podemos fazer referência à LS sem falar de ecologia integral:

Uma ecologia integral exige que se dedique algum tempo para recuperar a harmonia serena com a criação, refletir sobre o nosso estilo de vida e os nossos ideais, contemplar o Criador, que vive entre nós e naquilo que nos rodeia e cuja presença “não precisa de ser criada, mas descoberta, desvendada” (LS, n. 225).

A comunidade de hospitalidade Ana Leal³ em Valladolid (Espanha) é um bom exemplo que encarna este convite de acolhida e ecologia, numa tentativa de viver em sintonia com o cuidado da Casa Comum segundo nos inspira a *Laudato Si*: vida simples, ecológica, trabalhando e cuidando de uma horta em um projeto agroecológico. Um lugar comunitário promovido pelos jesuítas em Valladolid e um grupo de pessoas amigas. Uma comunidade de pessoas que vivem e trabalham acolhendo famílias imigrantes e refugiadas partilhando com elas a vida. Uma comunidade de ecologia integral que busca modos alternativos de vida e consumo. Uma comunidade aberta à espiritualidade e à transcendência segundo um modelo cristão de vida baseado no amor e no serviço.

4 A hospitalidade em Jesus

Jesus realiza a sua missão como migrante, como peregrino em terra estranha, incompreendido pelos seus, sempre a caminho, sem casa, nem sustento próprio. No caminho vai atualizando e fazendo presente o Reino. É no caminho que tem a oportunidade de encontrar o desvalido, a viúva, o leproso, a pecadora, o coletor de impostos, os pescadores, os escribas, e aqueles que são excluídos pela sociedade. Um convite que a primeira Igreja recebeu desde as suas origens e que a dinamizou para se pôr a caminho, para se fazer peregrina, migrante. Levando a boa notícia a todos os cantos do mundo (Ares, 2017b).

Um elemento central da missão de Jesus e, portanto, da Igreja é a hospitalidade; uma hospitalidade que se vive de uma maneira especial através do ministério da reconciliação, de construir pontes

³ Cf. Comunidade de Hospitalidade “Ana Leal”. Disponível em: <<http://www.ecoinea.org/index.php/palabras-de-bienvenida/>> .

num mundo quebrado, saltando os limites do legal-ilegal, do puro-impuro, e da inclusão-exclusão. É desde o olhar misericordioso de Deus que a Lei, o legal, o puro, cobram seu mais profundo sentido, e ocupam seu lugar como meios e não como fins (Mc 2,23-3,6; Lc 6,1-22; Mt 12,1-14).

“Para Jesus, a misericórdia de Deus não pode ser contida dentro dos muros de mentes limitadas, e desafia as pessoas a reconhecer uma lei maior baseada na incalculável misericórdia de Deus antes que em noções restritivas sobre o digno ou indigno”. O ministério da reconciliação parte do olhar misericordioso e amoroso de Deus. Seguindo com o trecho dos Exercícios de Santo Inácio, a Trindade olhou para o mundo e disse “Façamos redenção do gênero humano” (EE, n. 107).

A família migrante é um espaço privilegiado para a hospitalidade. O próprio Papa Francisco na Exortação Apostólica *Amoris Laetitia*:

“As migrações “constituem outro sinal dos tempos, que deve ser enfrentado e compreendido com todo o seu peso de consequências sobre a vida familiar”. [...] A mobilidade humana, que corresponde ao movimento histórico natural dos povos, pode revelar-se uma verdadeira riqueza tanto para a família que emigra como para o país que a recebe” (AL, n. 46).

Precisamos de ter um olhar especial para aquelas famílias que vivem experiências migratórias dramáticas e devastadoras, quando ocorrem fora da legalidade e são sustentadas pelos circuitos internacionais do tráfico de pessoas. Também no caso de mulheres ou crianças não acompanhadas.

A hospitalidade de Jesus, como nos nossos dias, baseia-se em “pilares sólidos”: acolher em casa e convidar à mesa; criar espaços de encontro para ajudar a curar, compartilhar, reconciliar, discernir, celebrar; e ser testemunhas de esperança.

Olhando a vida de Jesus, um elemento central em sua experiência como migrante, como peregrino, foram suas refeições e suas celebrações. Com quem Jesus se sentava à mesa? Quem

eram seus convidados prediletos? Jesus senta-se à mesa em muitos casos com pecadores, reconfigurando as barreiras da pureza, com aqueles que viviam marginalizados por razões econômicas (Lc 7,11-17), de saúde (Lc 7,22; Mc 10,46; Jn 9,8), raciais (Lc 7,1-10), religiosas (Lc 7,24-35) e morais (Lc 7,36-50). Seu convite à mesa foi boa notícia para os pobres e excluídos, o que lhe trouxe em muitos casos rejeição e provocou escândalos.

Alguns teólogos consideram que a sua maneira de transitar pelas categorias da inclusão e da exclusão, sobretudo na sua forma de se sentar à mesa, foi o que levou Jesus a ser julgado e crucificado: “Jesus foi crucificado pela forma como comia”. Nas palavras de J. Jeremias:

“Cada comunidade de mesa é para um oriental garantia de paz, de confiança, de fraternidade; comunidade de mesa significa comunidade de vida. Para um oriental é claro que, admitindo pecadores e marginalizados à mesa, Jesus oferece salvação e perdão. Por isso os fariseus reagem violentamente”(1972, p. 243).

É na mesa onde tudo faz sentido, onde os de Emaús reconheceram Jesus, “ao partir o pão”, é na eucaristia que fazemos memória de Jesus na fração do pão compartilhado e do sangue derramado. Jesus é hospitaleiro até o extremo. Neste sentido, a hospitalidade se faz misericórdia, abre as portas, acolhe o desamparado, o excluído (Lc 10,25-37).

Jesus era hospitaleiro e sentava-se à mesa que se encontrava no caminho, fazendo festa, antecipando a mesa compartilhada do Reino de Deus (Lc 15,11-32). Uma festa, uma celebração que alguns autores comparando com o acolhimento de refugiados e migrantes na Europa descreveram como “celebrações de encontros interculturais que podem tornar-se experiências modernas do Espírito Santo”, como no Pentecostes (At 2,1-13).

5 As comunidades de hospitalidade

Há certos elementos vitais que não são fáceis de definir. Assim acontece com as comunidades de hospitalidade. Poderíamos dizer que a vida em comum não é facilmente “encapsulável” em uma definição fechada e muito delimitada. Apesar disso, existem alguns elementos que as caracterizam (Ares, 2016).

5.1 Partilha de vida na proximidade dos mais vulneráveis e excluídos

No Evangelho encontramos Jesus e os seus discípulos compartilhando a mesa com pessoas excluídas e pobres, cultivando uma cultura do encontro. Viver ao seu lado é um dos principais sinais da “Boa Nova”, especialmente numa época como a atual, em que o individualismo corrói as relações mútuas e a exclusão social priva numerosas pessoas do reconhecimento e da amizade dos outros, bem como da sua dignidade humana.

5.2 Estilo de vida comunitária acolhedor e inclusivo

Diz um dito castelhano que “o atrito faz o carinho”. Viver de perto, acolher realidades complexas e difíceis ajuda-nos a olhá-las com maior compreensão, carinho e solidariedade. Sempre que olhamos com os olhos do coração, sem preconceitos, somos capazes de nos enriquecer, de aprender com a diversidade. Vemos nesta diversidade uma oportunidade para crescer juntos. A situação de muitos jovens migrantes em maior vulnerabilidade, caminhanças que buscam um caminho de reintegração, a de outras pessoas que vivem nas margens, representam uma forte chamada à hospitalidade.

5.3 Um caminho aberto, desde a escuta mútua e a aprendizagem compartilhada

Para começar este processo, como peregrino não é preciso ser um “super-cristão” – se é que estes existem –, nem se necessita ser um especialista/a acadêmica em hospitalidade ou inclusão social.

Qualquer pessoa pode ser qualificada para compartilhar a vida, mas claro que seria bom cultivar certas sensibilidades, flexibilidade e abertura para o outro.

Claro que em qualquer processo de aprendizagem e de escuta mútua é preciso dar um orçamento importante: disponibilidade de tempo de qualidade e gratuito para escutar, acolher e em definitiva compartilhar vida.

5.4 A reconciliação, cura, integração, discernimento e celebração são elementos muito importantes nestas comunidades

Ao lado do alojamento, que é um elemento fundamental, torna-se necessário traçar um itinerário pessoal e um projeto comunitário onde tenham lugar o discernimento e diversos fatores que têm a ver com a recuperação de toda a pessoa, com vista à integração social. Qualquer comunidade de hospitalidade deveria cuidar de uma estrutura e de ritmos comunitários básicos que ajudem ou sirvam de sustento ao acolhimento, e que se tornem condição de possibilidade para que se produza um verdadeiro processo de integração. Aspectos como um ritmo comunitário de comidas, encontros gratuitos, cuidado simples dos elementos materiais, partilha de tarefas, etc., são elementos básicos que facilitam os processos de reconciliação, discernimento e celebração, entre outros.

5.5 Convidados a testemunhar a esperança

A vida em comum nunca disse que era fácil. Por pouco que se tenha vivido em comunidade, reconhece-se a necessidade de aceitar as diferenças e de crescer em conhecimento mútuo. Todos carregamos dentro de nós “um lobo e um cordeiro” que precisa conviver com os outros. A vida em comunidade nos constrói como pessoas quando colocamos a ênfase mais no agradecimento que na exigência, na aceitação e no acolhimento que, na recriminação, na realidade vital que em sonhos idílicos (Bonhoeffer, 1982; Mollá, 2013). As comunidades de hospitalidade antecipam de alguma

maneira o Reino quando convidam a sentar-se juntos na mesma mesa, a compartilhar vida a partir do que nos une e também a partir das diferenças... todo um convite a ser testemunhas de esperança.

Nesta perspectiva, temos sido testemunhas de como a vida religiosa na América Latina vive essa dimensão de hospitalidade comunitária. Um exemplo é a comunidade de Franciscanas Missionárias da Mãe do Divino Pastor na cidade de Boa Vista, no estado de Roraima, situado no extremo norte do Brasil, fronteira com a Venezuela. Uma comunidade de irmãs que dia a dia trabalham nos campos de refugiados e no Serviço Jesuíta para Migrantes e Refugiados do Brasil na Área de Proteção e acompanhamento a menores separados e desacompanhados, nos projetos de Fé e Alegria, e na casa de acolhimento de famílias migrantes e refugiadas. Mulheres que são verdadeiras testemunhas de esperança:

Vivemos abertas e cuidamos da hospitalidade com as pessoas de outras formas de vida cristã ou pessoas provenientes de outras igrejas ou com diferentes sensibilidades, jovens voluntários, pessoas que necessitam de um acolhimento temporário... A vida comunitária para nós é a primeira missão e dela vivemos com outras e outros em missão, tecendo pontes e redes diariamente e tentando colocar as pessoas e sua dignidade em primeiro lugar (Gonzalo, 2022, p. 57).

5.6 O que aconteceu em Mambré?

Iahweh lhe apareceu no Carvalho de Mambré, quando ele estava sentado na entrada da tenda, no maior calor do dia. Tendo levantado os olhos, eis que viu três homens de pé, perto dele. (Gn 18, 1-2)

Mambré é uma dessas passagens paradigmáticas na Bíblia quando falamos de hospitalidade e comunidade. O que aconteceu em Mambré? (Ares, 2020b, p. 19-38). Abraão e Sara acolhem três estrangeiros e, sem saberem, abrem a casa a anjos. Fruto deste

generoso acolhimento, o Senhor abençoa-vos e opera o milagre: dá-lhes um filho. Esta passagem da gênese põe a ênfase na importância do acolhimento aos estrangeiros, aos que estão no caminho. O próprio Deus é acolhido através deles (Arterbury, 2005).

No relato bíblico, os estrangeiros continuam sua viagem até Sodoma e Gomorra. De uma atitude de acolhida se passa a uma atitude de hostilidade. Os habitantes destas cidades querem aproveitar-se deles. Só Lot, sobrinho de Abraão, os protege. Nesta ocasião, a hostilidade para com o estrangeiro é fonte de maldição. Assim, as cidades de Sodoma e Gomorra são destruídas, salvo apenas Lot e sua família (Gn 19).

Em resumo, a xenofilia, a prática da hospitalidade é fonte de bênção, sendo o milagre do nascimento de uma nova vida – Abraão e Sara –, enquanto a xenofobia acarreta a maldição e a morte – Sodoma e Gomorra (Rivera-Pagán, 2013, p. 31-51).

5.7 Espaço Mambré: lugar de encontro, de acolhida, de promessa de Deus

Tive a sorte de viver durante anos numa comunidade de hospitalidade no bairro de la Ventilla, distrito de Tetúan, em Madrid. Ali começamos uma experiência inspirada nesta passagem do Gênesis, que batizamos como “Espaço Mambré” (Ares, 2020a).

Se você caminhar pelo Bairro da Ventilla em uma quinta-feira no final da tarde, você pode encontrar algumas pessoas se aproximando da comunidade jesuíta P. Rubio. Se você perguntar, eles dirão que vão para o Espaço Mambré.

A pequena comunidade jesuíta Padre Rubio é uma das diversas presenças- que a Companhia de Jesus tem no bairro da Ventilla. Esta comunidade faz uma aposta pela hospitalidade, como tantas outras repartidas pela Espanha. Comunidades nas quais se compartilha vida e projeto com pessoas necessitadas. No caso desta comunidade, com jovens migrantes. Além de um lugar para se abrigar, eles oferecem-lhes um ambiente, uma família para recuperar forças, para compartilhar o dia a dia até que eles recuperem a autonomia e confiança.

A comunidade criou o Espaço Mambré como um ambiente privilegiado onde viver o espírito de hospitalidade que a comunidade quer viver. Daí o nome “Mambré”, um lugar de encontro, de acolhimento, de promessa de Deus. No Espaço Mambré, cada quinta-feira se abre de uma forma mais intencional e cuidada a porta da comunidade ao bairro e a todos os amigos e amigas, para compartilhar a fé e muito mais com uma Eucaristia primeiro e um jantar compartilhado depois.

Celebra-se a eucaristia na capela da comunidade que está situada no último andar e tem forma de tenda. Uma capela na qual se motiva o encontro entre o ser humano e Deus, com Maria como mediadora, com o olhar sempre posto em Deus, com um sacrário repleto dos nomes de Deus nas diversas línguas dos convidados ou dos membros que passaram pela comunidade. Nosso anterior superior, o P. Adolfo Nicolás, estreou a lista com o nome de Deus em japonês.

No início da Eucaristia, costuma haver uma apresentação em que cada pessoa diz o seu nome e se introduz ao resto. Muitas pessoas se aproximaram do espaço Mambré: muitas amigas e amigos do bairro, da unidade pastoral, dos trabalhos e apostolados, famílias migrantes, companheiros jesuítas que vêm de passagem e que se hospedam na casa, jovens que estão discernindo sua vocação, pessoas com curiosidade e em busca.

De algum modo o Espaço Mambré condensa uma parte importante de encarnar nossa vocação, de viver a hospitalidade, de deixar-se impactar pela realidade que nos rodeia, de sentir-se parte do projeto de Deus, de permitir que entrem no lar ares novos e frescos. Significa que muitos amigos e amigas, as pessoas que possam estar interessadas, conheçam um pouco mais como celebramos e como vivemos. É um luxo celebrar juntos a Eucaristia e o jantar compartilhado. A diversidade nos enriquece como comunidade e nos ajuda a viver mais conectados com um Deus que se faz presente neste mundo de diversas maneiras e através de tantas pessoas e comunidades.

6 A hospitalidade abre novos caminhos

Como se depreende de tudo o que a hospitalidade expressa renova as nossas comunidades, ajudando-nos a crescer em compromisso e generosidade. A Igreja, em geral, e a Companhia de Jesus, em particular, se beneficiam destes estilos de vida comunitários, porque além de crescer em credibilidade se propicia uma maior eficácia em nossa vida apostólica.

Dizia Santo Inácio que “a amizade com os pobres nos faz amigos de Deus”. O próprio Papa Francisco recorda-nos no discurso que teve no *Centro Astalli* de Roma como a vulnerabilidade e a pobreza são lugares privilegiados de encontro com Deus: “Os pobres são também mestres privilegiados do nosso conhecimento de Deus; a sua fragilidade e simplicidade expõem os nossos egoísmos, as nossas falsas certezas, as nossas pretensões de autossuficiência e guiam-nos para a experiência da proximidade e da ternura de Deus, para receber em nossa vida o seu amor, a misericórdia do Pai que, com discrição e paciente confiança, cuida de nós, de todos nós”.

A hospitalidade também constituiu um verdadeiro milagre de acolhida nos contextos das nossas comunidades jesuítas diante da grande crise de deslocados da Ucrânia em países com a Polônia, Eslováquia, Romênia e Hungria, entre outros.

De outros contextos de vida religiosa, são boas as notícias de diversas comunidades de hospitalidade em espaços de fronteira, como por exemplo na fronteira brasileiro-venezuelana com as irmãs franciscanas missionárias da Mãe do Divino Pastor. A hospitalidade que abre novos espaços intercongregacionais.

De diferentes perspectivas, as comunidades de hospitalidade abrem novos caminhos de revitalização da vida em comum como um sinal de anúncio do Evangelho e apresentam-se como um convite e uma lufada de ar fresco dentro da Igreja.

Referências bibliográficas

ARES, Alberto. *Comunidades de Hospitalidad*. Madrid: Jesuitas Social, 2016. Disponível em: <<https://socialjesuitas.es/documentos/send/9-comunidades-de-hospitalidad/4-comunidades-de-hospitalidad>> .

_____. *Hijos e hijas de un peregrino. Hacia una teología de las migraciones*. Barcelona: Cristianisme i Justicia n. 206, 2017^a. Disponível em: <<https://www.cristianismeijusticia.net/sites/default/files/pdf/es206.pdf>> .

_____. Reconciliación y migraciones. *Promotio Justitiae*, v. 124(2), p. 37-43, 2017b.

_____. “Espacio Mambré: hospitalidad como resistencia y esperanza”. *Revista En la Calle*, n. 45, Madrid, 2020a.

_____. “Xenia 3.0: Recreando la hospitalidad en un mundo diverso”. *Revista Veritas*, Santiago de Chile. ISSN 0717-4675; p. 19-38, 2020b.

ARTERBURY, A. E. *Entertaining angels: Early Christian hospitality in its Mediterranean setting*. New Testament Monographs. Volume 8. Series editor Stanley E. Porter. Sheffield, UK: Sheffield Phoenix Press, 2005.

BONÉ, I. Vulnerables y hospitalarios. Espiritualidad ignaciana y alteridad. *Manresa: Revista de Espiritualidad Ignaciana*, v. 80, n. 315, p. 109-124, 2008.

BONÉ, I. Psicología de la gratitud y Ejercicios Espirituales. *Manresa: Revista de Espiritualidad Ignaciana*, v. 88, n. 349, p. 385-398, 2016.

BONHOEFFER, D. “Vida en comunidad”. Ed. Sígueme, 1982.

BRETHERTON, L. Tolerance, education and hospitality: A theological proposal. *Studies in Christian Ethics*, v. 17, n. 1, p. 80-103, 2004.

CAMPESE, G. The irruption of migrants: theology of migration in the 21st century. *Theological Studies*, v. 73, n. 1, p. 3-32, 2012.

CONGREGACIÓN PARA LOS INSTITUTOS DE VIDA CONSAGRADA Y LAS SOCIEDADES DE VIDA APOSTÓLICA. LA VIDA FRATERNA EN COMUNIDAD. *Congregavit nos in unum Christi amor*. 1994, n. 71.

DE LOYOLA, I. Ejercicios Espirituales. Sal Terrae. Grupo de comunicación Loyola. 2014 (107). Disponível em: <<https://ignaciano.cl/wp-content/uploads/2021/05/EJERCICIOS-ESPIRITUALES.-Edicion-preparada-por-Santiago-Arzubialde-SJ-IGNACIO-DE-LOYOLA-1.pdf>> .

MOLLÁ, D: Espiritualidad en la acción social. Suplemento Vida Nueva CON ÉL en colaboración con CONFER n. 7. Etapa II. 2013.

Disponível em: <https://confer.es/704/activos/texto/wcnfr_pdf_2138-r4yeW1TvSI1VPb3A.pdf> .

FRANCISCO, discurso del Santo Padre Francisco a los canónigos regulares premostratenses en el ix centenario de la fundación de la Abadía de Prémontré Sala del Consistorio. 22.09.2022. Disponível em: <<https://www.vatican.va/content/francesco/es/speeches/2022/september/documents/20220922-centenario-abbazia-premontre.html>> .

_____. Carta Encíclica *Laudato Si, sobre el cuidado de la casa común* (24.05.2015) Disponível em: <<https://www.oas.org/es/sg/casacomun/docs/papa-francesco-enciclica-laudato-si-sp.pdf>> .

_____. Exhortación Apostólica Postsinodal: *Amoris Laetitia, sobre el amor en la familia*. (19.03.2016). Disponível em: <https://www.vatican.va/content/dam/francesco/pdf/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20160319_amoris-laetitia_sp.pdf> .

GARCÍA, José Antonio. Hogar y Taller: seguimiento de Jesús y comunidad religiosa, v. 25. Editorial Sal Terrae, 1985.

GARCÍA, José Antonio. Amistad y misión en la vida religiosa actual: problemas y propuestas. Sal terrae: Revista de teología pastoral, v. 94(1103), p. 533-550, 2006.

GARCÍA, José Antonio. *Ventanas que dan a Dios: experiencia humana y ejercicio espiritual*. Santander: Sal Terrae, 2011.

GONZALO, Luis Alberto. "Soy fruto de un 'nosotros' que cada vez es mayor..." Entrevista a Sofía Quintans. Revista Vida Religiosa, p. 53-64, 2022.

JEREMIAS, Joachim. *La dernière Cène, les paroles de Jésus*. París, p. 243. Éditions du Cerf, 1972.

JUAN PABLO II a la Plenaria de la Congregación para los Institutos de Vida Consagrada y las Sociedades de Vida Apostólica, 20 de noviembre de 1992: OR 20-11-1922, n. 3.

KOENANE, M. L. J. Ubuntu and philoxenia: Ubuntu and Christian worldviews as responses to xenophobia. *HTS Theologiese Studies/Theological Studies*, v. 74(1), 2018.

MARTÍNEZ, Julio. *Ciudadanía, migraciones y religión: un diálogo ético desde la fe cristiana*. Madrid: Universidad Pontificia Comillas, 2007.

RIVERA-PAGÁN, L. N. Xenophilia or Xenophobia: Toward a Theology of Migration. In *Contemporary Issues of Migration and Theology*. New York: Palgrave Macmillan, 2013, p. 31-51.